

O cavalo

O abandono é uma merda. O ser humano aceita tudo — ofensas, injustiças, maldades —, menos rejeição. É isso que dói. Você sabe que ela não vale nada, que não serve para você, que vai fazer a sua infelicidade, mas mesmo assim você a quer. Pior: só porque ela não o quer mais. Todo mundo sabe: é uma estupidez, um sofrimento atroz e inútil, mas não se consegue evitar. Além de rejeitado, você se sente burro.

Era assim que eu estava quando decidi aceitar a ajuda do amigo Britinho e acompanhá-lo ao terreiro de mãe Josefa, em busca de alívio para minhas dores permanentes e intoleráveis.

Não havia remédios e nem drogas, nem bebedeiras e nem análise que dessem jeito naquilo. Durante várias sessões, repetimos os argumentos à exaustão, a inutilidade de tudo aquilo, a impossibilidade de uma volta — concordávamos que seria apenas adiar um desastre ainda maior —, mas eu saía de lá pior do que havia entrado. Ou igual, o que dá no mesmo. Desisti da análise, não apareci mais, sem aviso.

Não conseguia tirá-la da cabeça. E, vá lá, do coração e da memória. Pensava nela 24 horas por dia, havia mais de três, ou quatro, intermináveis meses. Estava possuído. Dialogava imaginariamente

com ela todo o tempo, criando os cenários, as perguntas e respostas, dentro de minha cabeça. Caminhava como um zumbi pela calçada da orla, do Rio Vermelho ao Porto da Barra, vendo-a em todos aqueles corpos jovens tostado ao sol. No meu mundo de sombras, com a camiseta empapada de suor, imaginava-a ali, ao alcance de meus olhos e de minha voz. Mesmo sabendo que ela estava longe, numa praia distante, com seu novo namorado. É dura a vida de corno.

Não havia pior momento para ficar desempregado. Fui mandado embora do jornal sem motivos graves, além de atrasos habituais, desatenção ao trabalho e um certo número de faltas injustificadas. Corte de despesas, oficialmente. De certa forma, eu já esperava por isso. Mas não tão cedo, e muito menos naquele momento. Paciência. Saquei o fundo de garantia, consegui uma graninha do seguro-desemprego e arranjei uns frilas de futebol para um jornal de esportes de Portugal e para um jornalzinho de Feira de Santana.

O maior problema do meu desemprego não é a falta de dinheiro. É o excesso de tempo de que disponho para sofrer com o abandono e a rejeição. Me sinto como um doente. Como deve se sentir um viciado em heroína em síndrome de abstinência. Não sei como é, mas imagino. Uma amiga do ramo me disse que, com a heroína, você não tem vontade de nada, não pensa em nada, não quer nada — sexo, poder, amor, comida, carinho —, você não precisa de nada, se sente em um estado de vazio pleno, de conforto total. O problema começa quando a onda passa. O tombo é proporcional à altura do coqueiro. Talvez por isso, diante de vários oferecimentos, eu nunca tenha experimentado. Vai que eu gosto? Preferi não arriscar. Eu me conheço, ia gostar tanto que não conseguiria me livrar dela nunca mais. Era uma viagem sem volta: tudo que era prazer se tornaria dependência e sofrimento mil vezes multiplicados. Como um apaixonado que é abandonado.

Achei melhor parar com tudo. Menos o álcool. Maconha me deprime, acentua minha paranoia, me leva à confusão mental, a auto-

críticas devastadoras e a delírios persecutórios. Em vez de afastá-la de minhas lembranças, a faz mais presente e dolorida. Cocaína, nem pensar. A última coisa de que preciso agora é ficar ligado, excitado, aceso e agudo, falando sem parar, falando qualquer besteira para qualquer pessoa, ouvindo estranhos falarem compulsivamente sobre assuntos que não me interessam, quase sempre sobre eles mesmos. Porque só um assunto me interessa. Não posso imaginar pior pesadelo do que ficar acordado, rolando na cama, vendo o dia clarear na janela, pensando nela. Exausto, devastado pela tristeza, querendo desesperadamente apenas dormir. De preferência, sem sonhar. Porque ela também povoa meus sonhos, que, de uma forma ou de outra, são vividos sempre como pesadelos. Ou quando os sonho, ou quando acordo deles.

Remédios, detesto. Evito sempre, mas tentei alguns hipnóticos e antidiestônicos no início, com algum sucesso. Eles me davam uma acalmada, mas eu continuava pensando nela obsessivamente, sem descanso. Fazia alguma coisa ou falava com uma pessoa, mas o pensamento estava sempre nela, como uma vida paralela. Um tormento. Não havia remédio capaz de me livrar daquilo. Os antidiestônicos serviriam para se tornar mais uma dependência. Não valiam o custo-benefício.

Já o velho e bom álcool cumpre sempre a sua missão: embebedada, tonteia, torna inconsciente, apaga, obnubila. Funciona. Por isso, a sempre bem-sucedida associação entre cornos e bêbados. Beber para esquecer, velho clichê sempre confirmado. Talvez seja o único alívio possível para uma situação como a minha. Prisioneiro de uma obsessão, escravo de uma memória, vítima de meus próprios sentimentos. De meu temperamento. De minha paixão pelo excesso. De minha mente conturbada. De minha burrice.

Era assim que eu me sentia quando o Britinho tocou o interfone e desci para irmos ao terreiro de mãe Josefa. Vou lhes poupar de uma longa, ou mesmo breve, descrição do terreiro. Por melhor que seja, soará sempre como macumba para turista ou documentário terceiro-mundista mil vezes visto. Vamos direto ao que interessa.

Parece que dei sorte, porque era o dia da comemoração de um santo, de uma entidade do candomblé, então a noite seria de festa e celebração. Podia até me dar uma aliviada, pensei, a caminho do terreiro, sempre pensando nela, a cada música que tocava no rádio do táxi, a cada paisagem que passava na janela. Britinho contava uma história atrás da outra sobre as vibrações do terreiro e os poderes e feitos de mãe Josefa e de seus orixás. Eu fingia que ouvia.

Abrindo caminho entre um monte de gente que se espremia em frente à porta da casa branca, Britinho conseguiu entrar no salão de piso de cerâmica e nos levar até a corda que separava os devotos do espaço sagrado onde os orixás dançariam incorporados em seus “cavalos”, as filhas de santo, chamadas de iaôs. No fundo da sala, como uma rainha africana, mãe Josefa sentava-se majestosa e obesa em um trono pintado de azul e dourado e puxava os cantos de devoção aos orixás, com o coro das filhas de santo. Ao seu lado, quatro homens repicavam os atabaques com vigor e fé.

Estavam todos de branco e descalços.

Os devotos repetiam os cantos, as filhas de santo se prostravam diante de mãe Josefa e depois deslizavam pelo salão em passos miúdos e ritmados, de olhos fechados, convocando as divindades a se incorporarem em seus corpos. A batida dos atabaques crescia, os cantos se repetiam como mantras nagôs, os fiéis cantavam juntos e acompanhavam com palmas, o salão vibrava.

De repente, uma filha de santo e logo em seguida outra se sacudiram como quem recebe um choque elétrico, fizeram caretas e esgares pavorosos, começaram a dançar de outra maneira e pareciam, não há como negar, possuídas por alguém ou alguma coisa. Tinham recebido um santo. Eram eles que dançavam dentro de seus corpos, que falavam pela sua voz, que olhavam pelos seus olhos. Se não eram eles, então quem seriam? Elas não faziam aquilo sozinhas.

Eu não acreditava em nada disso, feticçaria barata, engana-trouxa, conversa fiada. Estava ali como quem vai a Lourdes em busca de uma cura milagrosa para uma doença do coração. E, vá lá, da mente.

Bonito, era. Também meio assustador, um pouco selvagem e primitivo demais para o meu gosto. Mas gostava da batida dos atabaques, dos cantos e das danças; cada orixá tem a sua, com seus passos, sua coreografia. Era bonito de ver e ouvir.

A batida dos atabaques e os cantos me hipnotizavam, comecei a sentir uma tonteira, tentei me apoiar no Britinho, mas fui arrebatado para o centro da roda por alguns braços e uma força estranha e desconhecida, a sala começou a girar, as lâmpadas piscavam, o ritmo dos atabaques e o volume das vozes cresciam, ondas de calor emanavam dos fiéis que lotavam o terreiro. Daí para diante não me lembro de mais nada.

Acordei em um quarto pequeno e sem forro, de paredes caiadas, com esteiras no chão e uma lâmpada nua no teto, onde eu estava deitado em uma cama estreita e baixa. Era como se voltasse de uma anestesia geral. Ou de uma prise de lança-perfume. Ao lado da cama, duas filhas de santo passavam panos umidos no meu rosto suado, meus olhos se abriam como se estivessem dormindo havia muito tempo, um cheiro forte de arruda perfumava o ar. Ou seria alfazema? Alecrim? Onde eu estava? O que teria acontecido comigo?

Meus olhos encontraram os de Britinho, acocorado ao lado da cama, ele sorriu meio desajeitado, mas fez um sinal com o polegar de que estava tudo bem, que eu estava bem, entre amigos. As filhas de santo responderam meus olhares sorrindo com doçura. Uma delas era uma lindeza de morena, com seus dentes branquíssimos e seus olhos amarelos e amendoados, se chamava Domícia. A outra, Dandara, me ofereceu um copo de água de coco.

Como um mecanismo pré-ajustado, a figura feminina deflagrou em mim um processo que levou à fusão daquele rosto com aquele outro, que não preciso nomear e que quero tanto esquecer. Será que quero mesmo?

Ali, naquele momento, pelo menos, parecia que sim. Me entregaria feliz aos tratos espirituais e corporais de uma sacerdotisa,

ou das duas, porque a outra não era de se jogar fora. Ainda mais no estado em que eu me encontrava.

Tentei me levantar e o Britinho fez sinal para eu ir devagar. Me sentei na cama, não senti nada, levantei confiante. Me despedi de Domicia e Dandara com agradecimentos e beijinhos e elas nos levaram até a porta do terreiro.

No táxi, Britinho me explicou que eu tinha pegado um santo. Que dancei como as filhas de santo, que cantei com uma voz que não era a minha cantos de candomblé que não conhecia, numa língua que eu não falava. Puta que pariu, Britinho, só me faltava essa! Corno, desempregado e agora virei cavalo de santo. Me afundei no banco do carro, de volta para casa, sempre pensando nela, como em um universo paralelo.

Tomei um litro de água e dormi como uma pedra. Sem sonhos. Acordei com o sol entrando pela janela, pássaros cantando em volta da grande mangueira que chega até minha varanda. Estava com muita fome. Fiz café, esquentei leite, fritei ovos, torrei pão, espreguei laranjas, me sentei à mesa como um hóspede de luxo em minha própria casa. Comi e bebi com um prazer que não experimentava desde que ela havia partido.

Só quando acabei de comer notei que, desde que acordara, quando estava fazendo o café e depois comendo e bebendo, ainda não havia pensado nela. Até que pensei. Que não estava pensando. Ela veio como uma sombra de dentro da minha cabeça, mas logo se esvaneceu, e me concentrei em lavar a frigideira, os pratos, a xícara e o copo, com toda atenção e todo cuidado para que não escorregassem, não se quebrassem e, eventualmente, me cortassem.

Era um recorde. Mais de meia hora livre daquela obsessão. Isso não acontecia havia mais de três meses. Acendi um cigarro e li o jornal inteiro, de cabo a rabo, inclusive turfe e anúncios funerários, quase duas horas com a cabeça desocupada de demônios e fantasmas, concentrado na vida real lida como se fosse ficção.

* * *

Debaixo do chuveiro, me ensaboei e me esfreguei com força com a bucha, esquentando e avermelhando a pele dos braços, pernas e peito, sob a água quente, muito quente. E depois fria, muito fria.

Saí titilando e batendo queixo, me esfreguei vigorosamente com a toalha até ficar ofegante, mas seco e bem-disposto. Meu corpo parecia rejuvenescido, me sentia com uma energia diferente, mais próxima de antes do que de ontem. Ela me vinha à memória brevemente, como uma foto antiga, num porta-retratos de prata. Estaria mesmo me livrando daquela obsessão?

E ontem, no terreiro? O que terá acontecido de verdade? Será que desmaiei? Ou tive, sei lá, um ataque epilético, uma convulsão? Faça um esforço para tentar me lembrar de alguma coisa, enquanto caminho pela calçada da orla aspirando o ar fresco da manhã. O fato é que gasto mais tempo pensando na filha de santo de olhos puxados do que “naquela pessoa”. Um milagre? Minha graça terá sido atendida? Caminho com naturalidade, como qualquer pessoa que passa por mim, pensando em seu trabalho, seus problemas, suas perspectivas, seus desejos, suas necessidades, olhando a vida passar em volta e comentando-a consigo mesmo — e não pensando apenas em uma pessoa. Sou invadido por uma deliciosa sensação de liberdade. E um cheiro forte de maresia.

De volta para casa, antes mesmo de qualquer pensamento, como se obedecendo a uma outra vontade, comecei a arrumar tudo que estava fora de lugar, o que quer dizer quase tudo entre o quarto, a sala, a cozinha e o banheiro. Estranho, muito estranho. Além de óbvio como metáfora — o cara que quer arrumar sua cabeça e seus sentimentos e arruma a casa —, uma pobreza estilística na vida real. O fato é que, durante todo o tempo em que me mantive ocupado em arrumar a casa, minha cabeça esteve livre, voando entre notícias de jornal, pessoas que vi na calçada e na praia, o velho mar de Amaralina, a iaô de olhos puxados.

O telefone do Britinho não atendia. Tentei marcar uma hora no analista, mas ele só poderia me atender no fim da tarde. Escrevi

minha matéria sobre a rodada do campeonato brasileiro para o *A Bola* de Lisboa e mandei, lembrando que os pagamentos estavam atrasados duas semanas. A conta no banco, zerada. A vida estava voltando ao normal.

Almocei no restaurante a quilo na esquina de casa e, mal saí do elevador e entrei, fui tomado por uma sonolência quase irresistível. Só tive tempo de tirar os sapatos e me jogar no sofá da sala. Acordei quando já estava escurecendo. Porra, será que dormi a tarde inteira?

Estava todo suado, mas me sentia bem, descansado. Tomei outro longo banho de chuveiro, me vesti todo de branco e peguei um táxi para o terreiro. O telefone do Britinho continuava não atendendo.

Mas o terreiro não era cinema nem teatro, não tinha sessão todo dia, me explicou a senhora gorda e mal-humorada que abriu a porta. Perguntei se podia falar com mãe Josefa. Tinha um problema sério e só ela poderia me ajudar. Ela quase riu na minha cara.

“E a Domícia, posso falar com ela?”, insisti.

A sacerdotisa de olhos puxados apareceu por trás da velha ranzinza. “Deixe comigo, tia, que eu atendo.” Abriu a porta e saiu para falar comigo.

Seu sorriso brilhava ao sol como um espelho, sob seu nariz fino e atrevido, seus olhos negros e puxados:

“Gostou, é? Quer pegar mais santo?”

Sorri meio encabulado com a desenvoltura dela:

“Não, eu queria mesmo era falar com mãe Josefa, ou com alguma pessoa, com você, saber direito o que aconteceu comigo.”

Ela sorriu, divertida com minha ignorância:

“Ora, você pegou um santo e pronto. Não é tão difícil assim. Não precisa de nenhuma aptidão especial. Eu mesma recebi muitas vezes.”

Domícia era uma morena jambo de 23 anos, estudante de enfermagem e sobrinha de mãe Josefa. Foi “feita” no santo aos 14 anos e está sempre presente nas festas e no trabalho do terreiro.

“Você pensa que santo é feito táxi, que você pega o primeiro que vier? É o santo que te pega, seu moço, e quando ele quer.”

Eu ri, não havia outra coisa a fazer, me senti meio ridículo ali, todo de branco, como quem está prontinho para receber um santo com hora marcada.

“Queria só falar com mãe Josefa, para que ela me explicasse o que aconteceu comigo.”

“E explicar o quê? Se aconteceu, aconteceu e pronto, não foi melhor assim?”

Me senti desconcertado.

“É verdade, eu estou me sentindo muito melhor e...”

“... e pronto, é isso que interessa, não é?”, cortou Domícia sorridente, “e para que é que você quer saber? Para nada”.

“Queria saber o que eu disse, o que eu fiz, eu não me lembro de nada”, falei baixo. Ela riu.

“Nada que possa te envergonhar. Só cantou e dançou, e muito bem, com muita energia, o orixá deve ter gostado do cavalo. Dançou a noite inteira.”

“Como assim? Quanto tempo eu fiquei nesse... transe?”

“Sei lá, o normal, umas duas ou três horas.”

“Meu Deus, é por isso que eu estava tão cansado; com 45 anos, fumante, bebente e sedentário, dançar três horas direto, e ainda por cima carregando alguém nas costas, uma entidade que nem se sabe quanto pesa.”

Ela riu e me disse:

“Volte amanhã, que tem festa de novo. Chegue cedo para pegar lugar. Estou te esperando, hein?”, me deu um beijo no rosto e entrou.

“Domícia”... fiquei parado com o gesto no ar.

Fiquei zanzando pelas redondezas, tomei um lanche num boteco, discuti futebol, voltei para casa me sentindo leve e bem alimentado. Dormi como um anjo, sonhei com paisagens de minha infância, minha mãe e meu pai jovens, devo ter acordado sorrindo. Puta que pariu, que milagre!

Passei o dia muito bem, a manhã inteira na praia de Stella Maris, lendo jornal e mergulhando no mar tranquilo, procurando anúncios de empregos, telefonando para possíveis empregadores, oferecendo meus serviços para uma agência de publicidade, a vida normal de um desempregado baiano. No meu caso, mais parecia estar fazendo hora para voltar ao terreiro. E ao Oxóssi Caçador! No fim da tarde, tomei um banho e, todo de branco, parti para o terreiro. Cheguei cedo, fui um dos primeiros a entrar, consegui ficar colado à corda, próximo ao trono da ialorixá. Com a casa cheia, soaram os atabaques, Mãe Josefa entrou majestosa e se sentou no trono, cercada pelas iaôs. Atrás das cordas, os devotos acompanham os cantos com palmas ritmadas.

Por mais que eu quisesse, que me dispusesse, que me oferecesse ao santo — não só a Oxóssi, mas a qualquer um dos que dançavam incorporados nas iaôs —, nenhum me queria. Entre as iaôs, Domícia, que estava tomada pelo seu orixá e não me reconheceu. Fui apenas um espectador, o último a sair. Tentei falar com Domícia e me disseram que ela estava descansando, como mãe Josefa e todo mundo ali. Que era o que eu também deveria fazer.

Noite alta, caminhei por mais de uma hora do terreiro até a beira do mar, passando por partes desertas da cidade adormecida, sem medo nenhum, embora Salvador não seja das cidades mais seguras do hemisfério Sul. Achava que por estar saindo do terreiro, todo de branco, estaria de alguma forma protegido, como se os assaltantes baianos não se vestissem de branco nem frequentassem terreiros.

Tentei me imaginar como um iluminado, procurando respostas e soluções nas estrelas que brilhavam no céu de verão. Nada. Na beira do mar, com os pés na água e as calças arregaçadas, olhando o céu como um bobalhão, sem entender nada. Talvez o efeito da magia tivesse passado.

Passei a noite sentado na areia, olhando as estrelas até o pescoço doer, pensando em tudo da vida e da morte, menos nela. Quando o dia amanheceu, senti que estava mesmo curado. Me sentia mais se-

guro, até tentei me lembrar dela, como um exercício para testar minha firmeza, e nada, o que me veio foi só uma nuvem branca de olvido.

De volta para casa, encontrei vários recados do Britinho na secretária. Só então notei que meu celular estava desligado desde que entrei no terreiro. Estava muito cedo para ligar para ele. Tomei um banho, o café da manhã, e fui ler o jornal e pensar no que fazer do dia, quando o telefone tocou. Britinho estava preocupado, passara o dia trabalhando fora da cidade, sem acesso, e depois não me encontrava em nenhum lugar.

Sim, eu estava bem, muito bem, de um jeito ou de outro a coisa tinha funcionado, parecia liberto da obsessão.

“É como se você tivesse sido exorcizado”, ele disse, rindo, “está pronto para outra rebordosa!”.

E assegurou que “só se cura um amor com outro. Por enquanto você está convalescente, só vai estar completamente curado quando se apaixonar outra vez e...”, fez uma pausa dramática, “ser corneado de novo e voltar ao terreiro”, gargalhava, sórdido, o Britinho, “é o nosso destino, meu irmão”.

Dediquei o dia inteiro a pesquisas acadêmicas e jornalísticas sobre os mistérios do transe, que se revelaram inúteis, embora muito interessantes. É unânime, entre religiosos e cientistas, que discordam sobre tudo, mas concordam quanto aos que entram em transe, e não só nos terreiros de candomblé: as pessoas nunca se lembram de nada. É da natureza do transe o seu olvido. A respeitadíssima mãe Stella de Oxóssi, do Ilê Axé Opô Afonjá, ialorixá considerada uma intelectual do candomblé, que dá palestras e trabalha com um laptop, é sucinta: “O transe é inexplicável.”

Sob influência da psicologia europeia, estudiosos como o célebre médico e antropólogo baiano Nina Rodrigues classificavam o “estado de santo” como histeria. Seu colega psiquiatra e antropólogo famoso, Arthur Ramos, o considerava uma demonstração de esquizofrenia. A verdade é que o transe, como fenômeno psicofísio-

lógico, é encontrado em diversos grupos culturais, que lhe atribuem significados diversos, mas a cultura ocidental, cartesiana, com a tradicional divisão entre corpo e mente, se mostra incapaz de explicá-lo racionalmente, diz a psicóloga francesa Monique Augras.

No fim da tarde, o analista ouviu meu relato da possessão com uma mistura de incredulidade e condescendência que me provocou grande irritação. Atribuiu ao tratamento psicanalítico o que chamou de desfecho natural de um processo de crescimento, me cumprimentou pelos progressos e acabou me sugerindo fazer um eletroencefalograma, só por precaução. Quase o mandei à merda, paguei contrafeito, me sentindo roubado. Não vou mais voltar a esse charlatão. O candomblé é mais confiável e dá mais resultados.

“Diga aí, Britinho, o que é que rola?”

“Tudo beleza. Vamos tomar uma cervejinha?”

“Estou aqui no Porto da Barra, no quiosque do argentino.”

Várias cervejas depois, não havíamos chegado a nenhuma conclusão, mas comemorávamos o resultado final. Nem querendo eu conseguia pensar nela; era como se tivesse sido apagada de minha memória, como se nunca a tivesse conhecido.

“Pera lá, aí também é demais”, protestou o Britinho, “não lembra de mais nada, nadica de nada? Depois de um ano de paixão desvairada e de meses de sofrimento obsessivo?”

“Pois é o que lhe digo, seu Britinho”, eu me sentia sólido e seguro, “a gente às vezes exagera, mas o passado passou”.

De volta para casa, senti um vazio diferente, incômodo. Tudo me parecia meio estranho à volta, como se nunca houvesse estado ali. Os móveis e objetos me pareciam diferentes dos que conhecia, embora a atmosfera dos 40 metros quadrados me fosse familiar. Não podia ser só a cerveja. Mal consegui chegar até a cama, desabei sem tirar os sapatos.

Acordei numa ressaca danada, a cerveja fermentada no estômago vazio fazia a cabeça latejar e provocava náuseas e tontura. Era

natural. Depois do chuveiro, do café e do jornal, dei uma boa cagada e fui para a rua, bem melhor do que havia acordado.

Trotando pela calçada, pensava, então, eu era um cavalo. Beleza. Desde que não fosse para ser montado ou para puxar carroça, tudo bem. Receber um santozinho de vez em quando, dar uma dançadinha, isso não pode fazer mal a ninguém. No meu caso, muito pelo contrário. Me livrei da rebordosa amorosa num passe de mágica e me sinto outro homem, isto é, o mesmo de sempre. Só que mais misterioso.

Cabeça vazia, oficina de Satanás. Caminhando a esmo, imagino formas, jeitos e maneiras de usar a minha mediunidade, ou, digamos, “receptividade para entidades”, em benefício próprio. Para, sei lá, ganhar no bicho, arranjar um emprego, saber se uma mulher está traindo o marido. Mas como, se eu não me lembro de nada do que vi, ouvi, senti ou pensei durante o transe? É, os santos não são bobos, não iriam dar uma moleza dessas para seus cavalos.

Bem que o Britinho falava, quando tentava me levar até mãe Josefa, que aquilo era um sacerdócio, que elas levavam vidas de sacrifício, dedicadas à caridade, como as freiras católicas. Só que sem pecado e sem culpa. Seus dons de clarividência não poderiam ser usados para o mal, sob pena de se voltarem contra quem o desejou. “A lei do retorno é um dos pilares do candomblé”, dizia ele, “cuidado com os seus desejos: eles podem se realizar”.

É verdade, eu não só desejava, como precisava muito, com urgência, me livrar daquela obsessão. Mas também não queria esquecê-la de todo, afinal, ela deve ter sido muito forte e importante em minha vida para causar tanto estrago.

Porra, é como se a minha história pessoal tivesse um buraco, um branco, um buraco negro, naquele determinado período, quase todo consumido com ela, bebendo, cheirando cocaína e fodendo. A conversa era só pretexto para beber, cheirar e foder. Uma relação bastante doentia, *por supuesto*, sendo ela uma psicóloga argentina. Mas não para ser apagada para sempre da memória. Assim, nem sequer aprendo com todos aqueles erros. Paciência. Não se pode

querer tudo. Já foi um grande lucro ter me livrado daquele encosto. A superstição pode ser barata, mas a imagem é eloquente, alguém que encosta seu peso e sua frustração em você, que impede ou dificulta seus movimentos e a sua ação, que parece colado a você, como uma mochila pesada e permanente. Desta estou livre, eu acho.

Já havia algum tempo que eu queria me livrar dela. A vida devassa e transgressiva se tornava, bem, outra rotina. O mais difícil não seria passar sem aquele sexo incendiário, sem sua perversidade cúmplice, sua alma de puta; seria vê-la passar, ou mesmo imaginá-la dando aqueles prazeres para outros homens. Eu não a queria mais. Estava viciado nela, dependia dela, não a queria por vontade própria, por escolha, estava preso naquele ritual diário de nos embebedarmos, cheirarmos e fodermos até apagar na cama e acordar no dia seguinte no meio da tarde.

Que futuro teria aquilo para mim? Ela queria família e filhos. Só se eu fosse mais louco do que ela, eu pensava nos intervalos de lucidez. E, no entanto, caminhávamos para isto, estávamos procurando um apartamento para abrigar a nossa futura família. Ou eu aceitava ou era a prova definitiva de que não a amava de verdade, de que tinha medo de dividir uma casa com ela, de que não queria ter filhos com uma maluca drogada como ela. Neste caso, ela não ficaria comigo e buscaria novas parcerias — hipótese intolerável.

Só que ela devia estar um pouco apressada, e entre uma visita e outra a um apartamento para alugar, acabou reencontrando um ex-namorado e se tornou sua amante. Como era muito sincera, mesmo quando não queria, logo começou a dar pistas. Contou que o tinha reencontrado — colega de faculdade, muito inteligente, sociólogo brilhante —, voltou a falar nele algumas vezes. Até que, numa discussão comigo, me chamou pelo nome dele. Mais sincera, impossível. Cai fora, quebrando tudo, xingando-a de puta e maluca. Com o coração despedaçado, disparei pela escada sem esperar o elevador.

Voltei ao terreiro. Não para tentar pegar um santo, como um ônibus, mas para ver Domicia, falar com ela, ouvir sua voz e suas

risadas, ver seus peitos morenos aflorando do decote da bata branca, os seus cabelos cacheados, ponteados por trancinhas longas e finas, que elas chamam de “tererê”.

Ela não estava. Mas morava ali ao lado, como as iaôs que trabalhavam no terreiro. Uma casinha cor-de-rosa, com janelas brancas e cortininhas floridas, uma varandinha, uma rede. A sombra de uma imensa mangueira se projetava sobre toda a casa, onde ela morava com a mãe e uma irmã menor.

Quando apareceu na janela foi como se abrissem as cortinas para um filme. Toda de branco, com seu andar felino de havaianas, os olhos amarelos brilhando ao sol, se aproximou sorridente.

“Procurando alguém?”

“Já encontrei”, entrei no jogo.

“Entre, quer um café? Uma água de coco?”

A sala era pequena e fresca, a brisa baiana circulava pelas janelas abertas e a mangueira protegia a casa do sol. Bebi a água de coco como se fosse um vinho sagrado, celebrando a deusa de jacarandá que ondulava seus quadris da sala para a cozinha. Epa! Às vezes a expressividade baiana me toma a linguagem de assalto, sem que eu esboçe qualquer reação. Uma questão de estilo.

Domícia colocou um CD no player. Atabaques e cantos de candomblé, gravados ao vivo. Muito bem gravados, com volume, peso e nitidez, você se sente no meio da cena.

“Foi um amigo alemão que gravou; ele trabalha para uma gravadora”, comentou Domícia, “e então, alguma coisa lhe soa familiar?”.

Um arrepio me percorreu do alto da cabeça aos calcanhares, deslizando pela espinha e pelas pernas como um filete de água gelada. Eu tinha certeza de que ela iria me dizer aquilo:

“Foi gravado na noite em que você pegou o santo. Uma dessas vozes é a sua”, e deu um risinho.

Fechei os olhos e tentei relaxar, me deixar invadir por aqueles sons, aquelas batidas de atabaque, pelos cantos gritados com vozes esganiçadas; me senti transportado para o terreiro. E logo comecei a

sentir uma tontura, me acomodei melhor na cadeira, pousei um braço sobre a mesa, respirei fundo.

“Epa, epa!”, Domicia bateu palmas e desligou o CD, “aqui não é hora nem lugar de pegar santo. Você anda muito sensível, hein? Devia fazer um descarrego. Deve estar cheio de encosto”.

“E como é que eu faço esse descarrego?”

“Não é você que faz, você é o descarregado, pode deixar que eu mesma faço. Tire a roupa e tome uma chuva ali, enquanto vou buscar água quente para o banho de ervas.”

O chuveiro ficava numa casinha de chão de tijolos, no fundo do quintal, com uma privada sem tampa. Deixei a água fria escorrer pelo meu corpo, me esfreguei com um pedaço de sabão de coco que encontrei no chão. Só saí quando ouvi a voz de Domicia avisando que estava chegando. Abriu a porta, me encolhi cobrindo as partes pudendas com as mãos; ela colocou no chão um grande balde com o banho de ervas e uma cuia.

“Vire de costas”, ordenou. Virei. “Abra os braços e as pernas.” Abri. “Encoste as mãos na parede.” Encostei. “Pense em coisas boas.” Pensei. Nela. Nua.

E comecei a sentir a água morna e o cheiro forte das ervas descendo pelas minhas costas, pelas minhas pernas até os pés, deslizando pelo peito e escorrendo pelo púbis e pelas coxas. Domicia cantava e fazia preces e pedidos de limpeza e proteção para os espíritos das águas e das florestas, em nagô. Sua voz era como uma água morna e perfumada descendo pelos meus ouvidos.

Fiquei com medo de meu pau endurecer. Com mais medo ainda de que não endurecesse, na remotíssima hipótese de ela resolver dar para mim.

Domicia derramava a água sobre a minha cabeça, as ervas se grudavam no meu rosto e em todo o meu corpo.

“Agora vire.” Virei.

“Feche os olhos”, me ordenou. Com os braços e as pernas entreabertos, cobrindo com as mãos o pau duro e pulsante, senti a água

morna e as ervas escorrendo pelo meu rosto e descendo pelo meu corpo, enquanto Domicia cantava e rezava em nagô. O som dos atabaques ia e voltava aos meus ouvidos, como se tocasse no rádio de um vizinho.

Domicia mandou que eu virasse de novo e começou a me chicotear, nas costas, bem de leve, com uns ramos de palmeira. Depois, um pouco mais forte, e também na bunda e nas pernas. Eu sentia o sangue correr mais rápido por onde os ramos passavam.

“Ah, acho que vou precisar de um descarrego desses todos os dias. Estou mesmo muito carregado”, eu suspirava de prazer.

“Pronto”, a voz de Domicia me acordou dos devaneios. Me estendendo uma toalha, disse: “Está descarregado. Mas não entre no chuveiro de novo, que estraga a limpeza. Só se enxugue.”

E saiu da casinha fechando a porta.

Quando voltei à casa, já seco e vestido, ouvi a sua recomendação:

“Agora são sete dias sem álcool, sem drogas e sem sexo, e você está pronto para outra, tá zerado”, riu com aqueles dentes fosforescentes: “Tudo tem seu preço, né? Nada sai de graça, nem graça de santo. Mas no fundo quem se beneficia é você mesmo. Uma semana de limpeza faz muito bem. Agora, se você não segurar, problema seu, o santo mesmo está pouco ligando se você bebe, fuma ou trepa ou tudo isso junto. Ele não se ofende nem dá castigo. Isto é coisa de católico e de crente. Mas se você não cumpre as obrigações com o santo, quando você pedir de novo ele não vai lhe ouvir.”

“Você pode me emprestar este disco?”, pedi.

Domicia me entregou o CD. “Eu trouxe mesmo para lhe dar, deve ter um significado especial para você. Quem sabe, ouvindo bastante, você consegue entender um pouco mais esse mistério?”

“Agora, licença porque tenho que ir para a faculdade”, se despediu, “depois a gente se fala. Aí você me conta o que descobriu. Anote aí o meu celular”.

* * *

Assim que cheguei em casa, transferei o CD para o laptop e dele para o meu i-Pod, que tem capacidade para mais de 1.500 músicas, três dias e meio de som ininterrupto. Apaguei tudo e gravei só a noite no terreiro. Agora posso levá-la ao lugar mais conveniente para ouvi-la, talvez sozinho numa praia deserta. Mas se eu passar mal, quem vai me ajudar? Talvez eu possa chamar Domicia, ela entende dessas coisas, pode me orientar. É, mas não vou me sentir à vontade com alguém por testemunha, tenho que viver esta experiência sozinho, comigo mesmo, tentando juntar memória, razão e sentimentos.

À noite, numa praia deserta, ou quase, perto de Itapoã, apenas um ou outro casal, mais entretidos em outras coisas, cheguei, todo de branco, de chinelos, e com meu iPod ritual. Diante do mar imenso e escuro, coloquei os fones, aumentei o volume e, como se tivesse vontade própria, meu corpo começou a se mexer, num arremedo de dança ao ritmo dos atabaques. Fechando os olhos eu podia me ver no terreiro, entrando na roda e dançando como os outros cavalos de Oxóssi, cantando os pontos. Tirando os fones e abrindo os olhos, só via a escuridão do mar e das pedras, a brancura da areia e o céu infinito. Me senti muito só. Mas sem medo de nada.

Coloquei de novo os fones, fechei os olhos e me deixei levar pelo som, dançando no mesmo lugar, sentindo a areia macia sob os pés, tentando repetir os cantos, num volume muito mais alto do que ouvia nos fones. Talvez por isso um dos casais tenha saído meio assustado e apressado das pedras em que se abrigavam.

Me sentia leve, como se não tivesse corpo; não pensava em nada, era como se estivesse sonhando que dormia. O ritmo dos atabaques crescia nos ouvidos, me sentia cheio de vigor e energia, com um ímpeto irresistível de dançar, dançar, dançar até cair. Logo eu, que não sei nem gosto de dançar.

Não sei quanto tempo se passou até a gravação terminar. Desabei na areia, exausto, banhado de suor, com a lua alta no céu. Só que desta vez me lembrei de muita coisa. Ou imaginei?

Era como um filme, ou um sonho, eu via a cena do alto, fora dela, cantando e dançando no terreiro, em transe, de olhos fechados, via todo o ambiente, o rosto das pessoas, Domicia, Dandara, mãe Josefa, Britinho, os ogãs tocando os atabaques, as fitas coloridas que pendiam do teto, as luzes, o chão de cimento, as imagens de orixás pintadas nas paredes, Oxóssi Caçador, de arco e flecha, cercado de animais. O som fazia minha memória ver. Ou imaginar?

Ainda estou meio confuso, mas começo a me fazer algumas perguntas que vão além da magia e das coincidências. Só alguém que já foi dominado por uma obsessão, qualquer uma, vai entender tudo que eu digo. Se bem que uma boa dor de corno é mais do que suficiente para um perfeito entendimento.

A realidade do obsessivo se passa em duas telas simultâneas: em uma, o que seria a realidade “natural”, a vida real; em outra, a obsessão, que não dá um minuto de trégua, em diálogos e ações paralelas e incessantes, que não se passam nem no passado das memórias, nem no futuro dos desejos, mas no presente incômodo e irreversível.

Será que quando eu estava tomado pelo orixá as duas telas foram apagadas? Uma com certeza sim, por isso não me lembrava mais dela, em quem pensava obsessivamente quando fui possuído. Mas consigo me lembrar, estimulado pelo som, do que se passou na outra tela, a “natural”, que meus olhos viram, meus ouvidos ouviram, minha boca cantou e meu corpo dançou durante o transe.

Dormi até o meio da tarde, tomei um café, uma chuveirada, e me fechei no quarto. Nu, me deitei na cama, coloquei os fones e liguei o som. Apaguei a luz e fechei os olhos. Trovoadas. Gargalhadas. Tambores, palmas e gritos. A cena da possessão se repete, no mesmo cenário, com os mesmos personagens. E mais dois, novos, que não estavam na primeira vez, ou que eu não havia notado: meu tio Zé Ventura e meu primo Venturinha, mais ou menos da minha idade, que moravam no interior e eu não via fazia uns cinco ou seis anos. Eles

estavam na primeira fila dos fiéis, seguravam na corda e me olhavam, mas não pareciam me ver.

Fui até o final, possuído pela mesma sensação de leveza e de ausência de massa corporal, já sem o medo do desconhecido que quase me paralisava antes. Pelo desarranjo dos lençóis, a dança deve ter sido animada. Desta vez, foi bastante agradável, como se dormisse, ou entrasse em uma meditação profunda. Acordei todo suado, mas não cansado; pelo contrário, me sentia com as energias renovadas e, sei lá, a imagem que me vem é dos católicos depois da comunhão quando voltam para seus lugares com um ar beatífico, de olhos baixos e com o corpo de Jesus Cristo na boca.

Meia hora depois, saindo do chuveiro, atendi o telefone: minha tia Zuleide avisava que o tio Zé Ventura e o Venturinha tinham morrido em um desastre na estrada, na noite passada. Desliguei perplexo. O que estava acontecendo comigo?

Fiz o eletroencefalograma. Tudo normal. O que não quer dizer muito: se de perto ninguém é normal, imaginem então por dentro, e pior, do cérebro. Pelo menos não estou doente, tudo está funcionando a contento, dizem os gráficos. Premonições são fenômenos corriqueiros, ainda não explicados em profundidade, mas banais, que não exigem prática nem habilidade, podem acontecer a qualquer um, a qualquer momento.

Assim que cheguei em casa, enchi a banheira de água quente, apaguei a luz e me deitei com os fones nos ouvidos. Antes de ligar o i-Pod, fechei os olhos e imaginei que o banheiro ficaria inundado se o santo se animasse muito nas danças, com o cavalo na banheira. Mas o santo não é bobo, desta vez a dança foi toda interior, nenhuma gota fora da banheira. E uma viagem muito diferente. Imagens de minha infância se misturavam às cenas do terreiro, em câmera lenta. À medida que a água foi esfriando, o ritmo dos atabaques foi diminuindo. No final, a água estava fria e eu, relaxado, sem saber se estava sonhando, delirando ou mais acordado do que nunca.

Telefonei para Domicia e disse que tinha grandes novidades. Marcamos na saída das aulas na Escola de Enfermagem.

Tomando sorvete no Jardim de Alá, lhe contei tudo com entusiasmo. Ela ouviu sem muito interesse, às vezes com uma expressão de quem ouve uma criança falar. De repente me dei conta de que ela recebe santo desde os 14 anos a sério, digamos, profissionalmente. Não pode mesmo se animar muito com relatos de amadores e cavalos de primeira viagem.

“Mas, e a premonição?”, murmurei.

Domicia deu uma lambida lúbrica no sorvete de morango:

“Bobagem, você não previu a morte deles, só recebeu a informação de que eles estavam mortos antes de sua tia ligar. Alguém te ligou sem fio. Telepatia, no máximo. Você não tem nenhum poder sobre os fatos. Pode relaxar.”

Ela sorria de uma maneira perturbadora:

“Quanto mais se mete a esperto, mais bobo você parece.”

“E então?”, tentei mudar o tom da conversa, “tem recebido muito santo?”.

Ela escancarou aquele riso luminoso:

“Deve ter sido mesmo assustador você ser pego sem aviso, sem querer. Mesmo quando você quer muito, quando se prepara para isso, já é muito forte.”

“Foi mesmo. Mas com você, isso mudou alguma coisa na sua vida?”

“Mudou nada. Já estava destinada. Foi só confirmação, sabe como é? Já estava escolhida pelo santo, para servir a ele, antes de nascer.”

“Mas eu digo, depois que começou a receber santo, mudou?”

“Que nada, a gente só faz o que tem que ser feito; é seguir as ordens do orixá. Deve mudar é para os outros do terreiro, o santo fica contente de dançar para eles. E a gente está no mundo para fazer o santo feliz, e aí ele faz a gente feliz. Simples, não é?”

Mais para desconcertante, pensei, nem tanto pelo que ela dizia, mas como dizia, sua expressão ambígua, entre a ingenuidade e a ironia. Aquela morena era mesmo estonteante.

Um jovem negro alto e simpático, todo vestido de branco, se aproximou. Deu um beijo no rosto de Domícia. Ela retribuiu e o apresentou:

“Esse é o Jorge, é ogã lá no terreiro, toca atabaque. Nós já estamos indo. Obrigada pelo sorvete.”

Jorge me cumprimentou com um sorriso e um movimento de cabeça e saiu com Domícia rua abaixo, aos risos e beijinhos, ela enlaçando a cintura dele.

Voltei para casa chutando latas pela rua, se houvesse latas para chutar. Competir por Domícia com aquele efebo de ébano estava fora de cogitações. Peguei um ônibus quase vazio e durante todo o percurso até minha casa fui pensando em Domícia, imaginando-a nua, com seu sorriso luminoso, se oferecendo ao seu jovem príncipe negro, Domícia se... epa! Era só o que me faltava: começar outra paixão, agora por Domícia. Se continuasse assim, logo estaria de volta ao terreiro para receber mais um santo e me curar de novo, cumprindo a profecia do Britinho.